

**Do discurso à
prática: a
condição da
mulher e as
questões de
gênero e
sexualidade
nas escolas do
município de
Getúlio
Vargas/RS**

**Eliane Salete
Bruneto ¹**



**From discourse
to practice:
women's
condition and
gender and
sexuality issues
in schools in the
city of Getúlio
Vargas /RS**

¹ Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: 60619@upf.br.

Resumo

Os estudos sobre a condição da mulher, na perspectiva de gênero e sexualidade devem ser entendidos como um modo de ouvir as histórias, dar voz não somente as mulheres, mas sim aos que são considerados diferentes, porque tanto os seres humanos como a história se fazem e refazem interminavelmente. A proposta desse trabalho é desenvolver uma análise sobre a construção sociocultural quanto às questões de gênero, sexualidade e identidade sexual, através dos livros de atas, registros de normas e ocorrências buscando compreender como ocorreram e ainda ocorrem as relações de gênero e sexualidade, os discursos e as práticas realizadas pelas escolas.

Palavras-chave: Gênero; História; Mulheres.

Abstract

Studies on the condition of women, from the perspective of gender and sexuality must be understood as a way of listening to stories, giving voice not only to women, but to those who are considered different, because both human beings and history are made and redo endlessly. The purpose of this work is to develop an analysis on the socio-cultural construction regarding the issues of gender, sexuality and sexual identity, through the books of minutes, records of norms and occurrences seeking to understand how gender and sexuality relationships occurred and still occur, the speeches and practices carried out by schools.

Keywords: Genre; History; Women.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo propor uma discussão a respeito da condição da mulher na perspectiva de gênero e sexualidade. Ao analisarmos a situação da mulher, percebemos que apesar das inúmeras lutas travadas pelos movimentos feministas a desigualdade entre homens e mulheres ainda se faz presente na sociedade atual. Também presenciamos uma grande mobilização de vários setores sociais, em busca do reconhecimento e aceitação da pluralidade de identidades e de comportamentos tidos como diferentes, aliados a isso vemos uma crescente onda de violência e preconceito para com esses grupos e com as mulheres, através dos altos índices de feminicídios.

Dessa forma, rever as práticas utilizadas pelos segmentos escolares é de extrema importância, já que as mesmas desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos. Com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nos anos de 1990, a sexualidade e o gênero passaram a fazer parte dos discursos e das práticas educacionais de forma mais definida, mas não deixaram de gerar conflitos, pois os mesmos são uma resposta para uma parte dos problemas educacionais brasileiros.

Sendo assim, o objetivo é analisar historicamente os discursos morais e sociais elaborados a partir de 1990 como forma de controle e manutenção da ordem e do poder, bem como suas implicações com as práticas educativas atuais referentes às questões de gênero e sexualidade. Para isso, está sendo realizada uma pesquisa de campo, com coleta de dados em fontes documentais, no período dos últimos 30 anos, para verificar os registros de atos indisciplinados bem como analisar se houveram episódios onde questões de preconceito ou desigualdades foram registradas, que evidenciam a condição de inferioridade ou submissão da mulher e como as relações de gênero e sexualidade foram concebidas no ambiente escolar. Também quais foram as ações efetivadas pelas escolas frente a determinadas atitudes nas diferentes relações que envolveram mulheres e homens, quais os discursos e representações presentes que contribuíram para a aceitação de padrões estabelecidos socialmente e com isso a reprodução de determinadas condutas ou se houve a promoção do diálogo e do respeito entre os diferentes atores envolvidos nesse processo.

No decorrer do texto são apresentadas algumas considerações sobre a imigração e colonização no que se refere ao patriarcado e a condição da mulher, seguindo logo após para as principais ideias sobre o projeto de pesquisa: “Do discurso à prática: a condição da mulher e as questões de gênero e sexualidade nas escolas de Getúlio Vargas”, onde o referido estudo pretende observar as práticas, os discursos, as representações e formas de sociabilidade que ocorreram/ocorrem no ambiente escolar e como a instituição reforçou ou não determinados comportamentos nos últimos trinta anos. Nesse estudo estão sendo investigados como foram e ainda são registrados pelas escolas as diversas situações enfrentadas pelas mulheres no ambiente educativo e como são tratadas as questões de gênero e sexualidade, bem como quais foram os procedimentos adotados pelas instituições de ensino. Trata-se de um estudo histórico, com levantamento de dados em livros de atas e documentos de registro de ocorrências dos últimos 30 anos, procurando fazer um comparativo entre o passado e o presente.

Em virtude disso, têm como referência os estudos realizados por Judith Butler, uma teórica contemporânea do feminismo com várias obras publicadas que abordam as questões de gênero, sexo, sexualidade, discursos políticos e ética. E Guacira Lopes Louro, que também tem seus estudos voltados para as questões de gênero e sexualidade, mas nesse caso pensados no campo da educação. As duas autoras foram escolhidas para dar fundamentação teórica a pesquisa que se encontra na fase inicial, onde pretende-se elaborar um instrumento de investigação junto aos profissionais das referidas instituições de ensino.

Dessa forma, podemos entender que a vida em si está configurada de forma desigual para o sexo feminino, as raízes dessas desigualdades fazem parte da história e perpassam os espaços educativos, a sociedade impõe um padrão de normas e condutas para homens e mulheres e a escola muitas vezes reforça e define o comportamento dos mesmos. Enfim, há necessidade de analisar a documentação histórica pela ótica de gênero e sexualidade, para isso é preciso visitar documentos, fontes e dados com um novo olhar.

Do discurso a prática: a condição da mulher e as questões de gênero e sexualidade nas escolas do município de Getúlio Vargas

Atualmente percebemos algumas mudanças na historiografia brasileira em relação aos novos sujeitos da história, ou seja, a categoria mulheres que por muito tempo se manteve excluída agora vem se tornando presente nas narrativas dos historiadores, adentrando nas discussões, em novas abordagens e conceitos sobre a história das mulheres, suas condições e as relações de gênero e sexualidade dentro das diferentes fases da história, não somente com o objetivo de evidenciar a mulher, mas sim problematizar as relações que se estabelecem sejam elas políticas, econômicas, hierarquias de poder, divisão do trabalho, classe, etnia e sexualidade, dentro de uma concepção de gênero. De acordo com (WOLFF e POSSAS, 2005, p.2) “a temática mulher a partir de uma abordagem de gênero nos faz rever narrativas, observar a importância de uma história polifônica, o papel dos inúmeros sujeitos e perceber a marca de temporalidades”.

Por muito tempo foi utilizado o termo mulher nas análises de fontes históricas, alguns autores diziam que falar das mulheres na história era uma forma de reparar um período de exclusão que as mesmas passaram devido ao domínio dos homens. Hoje já se aborda a história das mulheres e as relações de gênero não para reparar a exclusão sofrida, mas sim para refletir sobre a historicidade desse campo de estudo. Precisamos ter clareza que por muito tempo quando se falava em homem se entendia que as mulheres estavam contempladas nesta categoria, mas ao analisarmos veremos que nem mesmo todos os homens estavam incluídos, apenas homens brancos, já os negros, orientais e indígenas, nessa época, ficavam de fora.

Torna-se fundamental ter clareza que existem muitas diferenças e desigualdades entre os sexos, pois se trata de relações estabelecidas pelo poder. Dessa forma, os estudos sobre o gênero e a sexualidade são fundamentais para entendermos como foram construídos historicamente os discursos e as relações de poder entre homens e mulheres. Como afirmam SOIHET e PEDRO (2007, p.5), não se trata apenas de analisar as relações no passado, “mas também a ligação entre a história do passado e as práticas histórias atuais”.

Reforçando essa ideia, como diz WOLFF (2010, p.1) “a vida não se apresenta em termos de igualdade”, portanto, ainda hoje se fazem necessários estudos ligados a temática mulher e as questões de gênero e sexualidade. Ao falarmos nesta questão é importante observar que ainda existe um fator cultural no

que se refere ao trabalho e as ocupações femininas e masculinas. É consenso que há uma diferenciação entre homens e mulheres, isso é um fato e está presente nos dias atuais.

Como sabemos, a história é a compreensão do indivíduo dentro de uma época e de um tempo determinado. Dessa forma, precisamos entender como a sociedade humana se formou para conseguir estudá-la. Nesse sentido, ao examinarmos a história no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, pode-se perceber uma grande relação da condição da mulher com a história da imigração e colonização e como a formação das famílias influenciou esta condição. Os autores esclarecem:

A família monogâmica, de direito e de fato, trazia sua organização de além-mar, onde também já constituía o núcleo da produção, nos moldes antigos da grande família patriarcal, com muitos filhos, genros, noras e outros parentes. Em solo gaúcho, os filhos, à medida que iam casando, procuravam adquirir a própria colônia, e o último deles é que, costumeiramente, ficava morando com os pais. (DE BONI e COSTA, 1979, p.18)

Sendo assim, fica evidente que a sociedade foi estruturada a partir do gênero dominante, o masculino. Desde o início com a família monogâmica patriarcal, onde o homem possuía o controle da mulher, nota-se isso através da divisão social do trabalho. Os valores repassados pelo patriarcado estão presentes até hoje, através de um discurso opressor e discriminatório para com as mulheres, como afirma (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 01) “atravessaram os tempos e deixam suas marcas”. Além disso, o mundo social está organizado de acordo com o pensamento, as ações, os interesses e os conhecimentos dos homens. Portanto, dar acesso e garantir os direitos às mulheres para que as mesmas possam se tornar iguais aos homens não é suficiente se o mundo e as relações estabelecidas socialmente ainda forem definidas por eles.

Ainda hoje, o homem possui maior liberdade para realizar-se em todos os âmbitos da vida. Existe certa dominação do masculino para com o feminino através de uma agressão simbólica, que geralmente ocorre através da educação, pela representação do masculino e do feminino, perpetuando a dominação, os homens possuem uma maior quantidade de material simbólico para desenvolverem o seu Eu do que as mulheres. Isso faz com que se reflita: Onde podemos encontrar a agressão simbólica para com a mulher? A resposta é simples: Em todos os campos:

no casamento (desde a escolha livre, questões de separação, conduta, reputação, culpabilidade...) no lar (ter filhos sim ou não, modo de criação), na vida sexual (plena!!), no trabalho, na educação (libertação, reprodução do sistema...). Dessa forma, os autores explanam:

Muito se avançou em termos de se reconhecer a multiplicidade dos sujeitos sociais por meio da valorização de suas próprias narrativas e o tempo presente testemunha um repensar o passado de forma mais plural e menos estereotipada. Heranças culturais podem se tornar instrumentos importantes de autodeterminação, resistência e conquista de direitos. (RADIN, VALENTINI e ZARTH, 2016, p.128)

Precisamos ressaltar que muitos temas que eram considerados como “pesos” sociais, hoje já não possuem mais a mesma relevância, é importante ressaltar que embora o discurso tenha mudado o debate ainda se torna necessário, pois outros sujeitos tornaram-se presentes, novas conjunturas sociais se estabeleceram. Para isso é imprescindível que haja um diálogo entre a história e a condição da mulher, de modo a ampliar as reflexões sobre o tema gênero e sexualidade, abrangendo os movimentos sociais (feministas, gays e lésbicas).

Desse modo, precisamos compreender que o gênero possui uma relação direta com as questões de poder, com a construção, distribuição, igualdade e desigualdade. Portanto, não são questões inocentes, elas fazem parte de uma época e assim gênero é ao mesmo tempo um produto destas relações como também faz parte dela. Dentro dessa perspectiva é necessário rever a educação e promover reflexões profundas sobre as normas culturais e sociais que vem orientando como homens e mulheres são criados, bem como a promoção da igualdade de gênero, o enfrentamento da violência no que se refere à orientação sexual, para que desta forma a sociedade se beneficie como um todo.

Reforçando a ideia sobre a importância do estudo da condição da mulher, WOLFF e POSSAS (2005, p.2) alegam que “retomar a análise diante da documentação histórica por uma perspectiva de gênero e sexualidade, é revisitar documentos, fontes, dados com um novo olhar”. Os estudos sobre a condição da mulher, na perspectiva de gênero e sexualidade devem ser entendidos como um modo de ouvir as histórias e dar voz não somente as mulheres, mas sim aos que são considerados diferentes. Sabe-se que a sexualidade é constituída através das diversas possibilidades de interação do indivíduo com o meio e a cultura.

Enfim, essa pesquisa tem por objetivo analisar através dos livros de atas, registros de normas e ocorrências (antigo livro negro), como ocorreu e ainda ocorrem as relações de gênero e sexualidade, os discursos e as práticas realizadas pelas escolas. Visto que a escola é o campo onde o enfrentamento dos diversos grupos sociais acontece, por ser um espaço de construção do conhecimento, a mesma deve ser vista e entendida também como de formação cidadã e luta contra toda e qualquer espécie de preconceito e discriminação. Porém, muitas vezes acabam reforçando a desigualdade e a discriminação praticadas sobre as diversidades socioculturais, as questões de identidade de gênero e orientação sexual.

As instituições de ensino desempenham um papel importante, porque são o espaço onde ocorrem as diversas possibilidades de interação do indivíduo com o meio e a cultura e, desse modo, o local específico para analisar e discutir as questões de gênero e sexualidade. PINSKY (2009, p.4) afirma que “as representações de gênero estão presentes, sendo construídas, reproduzidas e contestadas em vários espaços”. Reforçando a importância da escola como espaço educativo, GIALDI (1993, p.28-29) afirma que “a educação antes de tudo deve ser compreendida como experiência de mudanças e como fonte de transformação das mentalidades, das relações sociais e dos regimes sociais”.

A pesquisa está sendo elaborada através de levantamento de dados bibliográficos específicos, apurados sob forma de análise histórico documental dos livros de atas e registros de ocorrências e normas, também conhecido por muitos dos educandos como “ Livro Negro”, o mesmo recebeu esse “apelido” pois antigamente a sua capa era preta, nele eram registrados as ações consideradas indisciplinadas, desde pequenos incidentes até infrações mais graves, onde o conselho tutelar ou a brigada militar eram acionados pelas escolas. É possível observar que, de acordo com a época, essas notificações foram mudando devido a mudança de parâmetros e valores sociais.

Também se torna importante esclarecer que os referidos livros são documentos escolares, pois neles estão registrados de forma clara as ocorrências, resoluções e decisões tomadas em reuniões pela equipe diretiva, professores, alunos e familiares. Quanto a organização e classificação cada livro traz registros específicos, ou seja, no livro de atas estão registradas as reuniões pedagógicas realizadas pelas escolas, alguns fatos que ocorreram com determinados alunos que

precisam ser conhecidos por toda a equipe de profissionais. O livro de ocorrências e normas, como já foi exposto, são os casos que configuram indisciplina por parte dos educandos, podem conter só o relato e as ações acordadas com o aluno, mas na maioria das vezes, como vem sendo observado, a família também é chamada para ficar ciente da situação do seu filho e também como forma de assumir responsabilidades.

Essas fontes foram fornecidas por quatro escolas públicas do município de Getúlio Vargas/RS. Foi optado em realizar a análise com todos os segmentos escolares dessas escolas, já que não foi possível realizar com um número maior de escolas. A pesquisa está sendo realizada por amostragem, porque foram encontrados alguns obstáculos, pois as fontes utilizadas envolvem documentos internos e as escolas são instituições que fazem parte de um órgão governamental, o acesso é difícil, pois os mesmos contêm situações particulares que envolvem ou envolveram desde crianças até adultos. A opção por realizar esse estudo nesses documentos deve-se ao fato deles oferecerem uma diversificada fonte de pesquisa. A análise documental está sendo realizada com o acompanhamento da coordenação pedagógica ou da direção das escolas, já que os mesmos estão arquivados nas salas destinadas às equipes diretivas.

Sendo assim, para identificar as informações necessárias para a pesquisa, estão sendo realizadas leituras de todos os registros feitos nos livros escolhidos como fonte. Primeiramente foram separados por temática: livro de atas, livro de ocorrências e normas, depois separados por períodos: de 1990 a 2000, 2001 a 2010 e 2011 a 2020. Esse trabalho teve início no mês de março deste ano, pois essa fase requer tempo para ser executada.

Ao final do estudo pretende-se responder ao seguinte problema: como são registrados e quais os procedimentos adotados pelas escolas frente as diversas situações que ocorreram nos últimos 30 anos referentes as questões de gênero e sexualidade. Para isso, algumas hipóteses estão sendo pensadas: Como a escola agiu frente a essas situações? As formas de registro mudaram durante esses 30 anos? De que forma? Houveram interferências sociais nas práticas escolares no que se referem ao gênero e a sexualidade? A escola reforçou as diferenças ou promoveu o diálogo frente as desigualdades entre homens e mulheres? Os livros de ocorrências e normas, conhecidos como “livro negro” foram utilizados apenas

como um meio de disciplinar os educandos ou como uma possibilidade de reflexão e formação cidadã?

No contexto atual deve-se ressaltar que as escolas, por muitas vezes, acabam ajudando a moldar visões e comportamentos. Portanto, ao abordamos o tema condição da mulher numa perspectiva de gênero e sexualidade além de analisarmos a dominação do homem para com a mulher e o movimento feminista, também é preciso pensar sobre a diversidade existente, ou seja, os grupos sociais compostos por muitos indivíduos que possuem uma identidade diferente aos padrões estabelecidos socialmente, que estão questionando o seu espaço social/cultural e histórico, enfrentando os discursos de ódio e o crescimento da violência.

Conclusão

Ao final deste trabalho, foi possível concluir que a pesquisa realizada até o presente momento ampliou os conhecimentos a respeito dos conceitos de gênero e sexualidade, sendo que os mesmos possibilitaram a identificação dos fatos históricos dentro de um tempo e espaço determinado. Muitos conflitos sociais tiveram suas raízes históricas desde a época da imigração e colonização, pois através das mesmas o espaço acabou sendo modificado e a sociabilidade do lugar transformada e as relações de domínio e poder que se estabeleceram ocorreram em épocas, momentos e contextos históricos diferentes, mas trouxeram consequências até os dias de hoje.

Ao transportarmos esses conceitos ao tema da condição da mulher, percebe-se que a construção de gênero e sexualidade é histórica. As relações homem e mulher foram concebidas pela dominação/submissão que se deram através dos discursos e das representações produzidas pelas relações de poder. Sendo estas que regulam e normatizam comportamentos, pois a sociedade dita determinados padrões e regras para os seus membros e isso define o modo de agir dos mesmos. Também se faz necessário lembrar que as questões de gênero perpassam pelo entendimento da identidade do sujeito, já que as mesmas são múltiplas e transformam-se constantemente, no caso da sexualidade referindo-se à identidade sexual ela sofreu e ainda sofre com a censura, pois ainda existe a imposição de um padrão de normas e condutas para homens e mulheres.

Diante do que foi analisado até o presente momento nos livros de ocorrências, conhecido como Livro Negro e pelas Atas disciplinares e de Estudos de casos verificamos que uma situação muito presente são as dificuldades pelas quais os educandos passaram/passam, dentro de casa, na escola ou até mesmo sociais, geradas por inúmeros fatores.

Uma outra situação é o bullying, principalmente destacam-se atitudes de desrespeito entre os educandos, principalmente dos meninos para com as meninas chegando ao ponto de agressões, o mesmo acontece com os alunos “ditos” diferentes, em alguns casos o conselho tutelar e a brigada militar precisaram ser acionados pelas escolas. Por outro lado, destaca-se a postura que as mesmas possuem, ficando evidente o objetivo de harmonizar o ambiente, tornando-o um espaço onde o respeito prevaleça e as diferenças sejam elas de gênero e sexualidade sejam respeitadas.

Na maioria dos casos, está sendo possível constatar que houveram retornos por parte das famílias, as mesmas compareceram nas reuniões para saber o que estava acontecendo com seus filhos, porém nem todas tomaram atitudes concretas sobre o que foi acordado entre a escola e a família. Indicando que os pais na grande maioria fazem o acompanhamento dos filhos, mas ainda deixam essa responsabilidade para as instituições de ensino. Por estar na fase inicial, ainda espera-se alcançar através da pesquisa evidências que possam responder ao problema de pesquisa, bem como os questionamentos realizados.

Finalizo afirmando que ao analisar as narrativas históricas a partir da categoria mulheres, gênero e sexualidade é preciso voltar o olhar para as questões do patriarcado, a fim de entender as relações de poder que se constituíram no passado e que influenciaram o presente.

Artigo recebido em 13 de novembro de 2020.

Aprovado para publicação em 14 de dezembro de 2020.

Referências

DE BONI Luis A.; COSTA Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

DECLERCQ, Christelle. MOREAU, Danièle. “As crianças não nascem meninos ou meninas: tornam-se um ou outro”. *Revista Pátio Educação Infantil*, n.36, Porto Alegre, 2013, p.19-21.

GIALDI, Silvestre. Educação e existência. In: *Alfabetização, espaços e desafios*. Caxias do Sul: Coord. Universidade de Caxias do Sul, 1993.

GOLIN, Luiz Carlos. “Uma cultura que mata os avós”. In: *Transcrição I Encontro* (6 de maio) Porto Alegre, UFRGS, 2015.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. “Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa”. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n.1, 2006, p. 49-55. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 jul.2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. “Estudos de Gênero e História Social”. *Revista Estudos Feministas*, v.17, n.1, Florianópolis, 2009, p.01-18.

RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir. José; ZARTH, Paulo A. (Orgs.) *História da Fronteira Sul*. Chapecó: Editora UFFS, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, v.20 n.2, Porto Alegre, 1995, p. 71-99.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero”. *Revista Brasileira de História*, v.27, n.54, 2007, p.01-10.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. “Escrevendo a história do feminino”. *Revista Estudos Feministas*, v.13, n.3, Florianópolis, 2005, p. 585-589.

WOLFF, Cristina Scheibe. “Profissões, trabalhos: coisas de mulheres”. *Revista Estudos Feministas*, v.18, n.2, Florianópolis, 2010, p. 503-506.